

French language: present and necessary

Rita de Cássia Gomes*

RESUMO

O presente trabalho visa explicitar as contribuições que pode trazer o ensino-aprendizagem da Língua Francesa. Nosso objetivo é evidenciar que o aprendizado da referida língua tem muito a contribuir para a formação do indivíduo, sobretudo nos níveis cultural e acadêmico. Falamos dessas contribuições nos baseando na opinião de diversos autores sobre o papel que exerce o aprendizado de uma língua estrangeira. Pretendemos mostrar que, embora vivamos um momento em que as línguas estrangeiras não desempenham um papel de prestígio, o francês desperta, ainda hoje, o interesse pelo seu estudo. Para tal, apresentamos os dados colhidos em um questionário aplicado a alunos do Curso de Extensão em Língua Francesa que representam, ainda que em número reduzido, os cursos oferecidos pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Palavras-Chave: Língua Francesa; contribuições; Ufv.

ABSTRACT

This paper will present the contributions the process of teaching and learning French could bring. Our goal is to emphasize that the acquisition of this language is very useful to the individual's formation, especially in cultural and academic fields. We talk about these contributions relying upon many authors' opinion about how the acquisition of a foreign language can help people. We want to show that, in spite of living in a time in which the foreign languages aren't prestige, people are still interested in learning French. In order to prove this, we will present the data collected in a questionnaire given to some students from the French Course offered by the Federal University of Viçosa (UFV).

Keywords: French language; contributions; Ufv.

RESUMEN

Este trabajo pretende explicitar las contribuciones que pueden traer la enseñanza y el aprendizaje de la Lengua Francesa. Nuestro objetivo es evidenciar que el aprendizaje de esta lengua ofrece una gran contribución para la formación del individuo, sobretudo en los niveles cultural y académico. Hablamos de estas contribuciones basándonos en la opinión de diversos autores sobre el papel que ejerce el aprendizaje de una lengua extranjera. Pretendemos mostrar que, aunque estemos viviendo un momento donde las lenguas extranjeras no desempeñan un papel de prestígio, la lengua francesa despierta, aún hoy, el interés por su estudio. Para tal presentamos los datos recogidos en un cuestionario aplicado a los alumnos del Curso de Extensión en la Lengua Francesa que representan, mismo que en número reducido, los cursos ofrecidos por la Universidad Federal de Viçosa (UFV).

Palabras-Claves: Lengua Francesa; contribuciones; Ufv.

* Graduada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa. Professora de Língua Francesa no Departamento de Letras da mesma Instituição. Rua "R" n° 35 apto. 01 / Bairro Sto. Antonio - Viçosa - MG CEP 36570-000 Tel. (31) 3892-2111 e-mail: ritacagomes@yahoo.fr / ritinha.gomes@yahoo.com.br

O presente trabalho tem por objetivo expor os diferentes fatores que motivam os estudantes da Universidade Federal de Viçosa a estudarem a Língua Francesa, em um momento não muito favorável às línguas estrangeiras no contexto nacional. Faremos uma pequena exposição do caminho percorrido pelas línguas estrangeiras no Brasil para mostrar que havia um grande interesse com relação ao seu ensino no início da consolidação do nosso sistema educativo e mostraremos ainda, como estas perderam um lugar de grande prestígio nas décadas seguintes.

Em nossa instituição, a Universidade Federal de Viçosa (UFV), a Língua Francesa representa a língua de resistência ao monolingüismo estrangeiro. A referida língua é oferecida no Departamento de Letras aos estudantes de Letras e também aos de Secretariado Executivo Trilingüe. Ligado ao Departamento funciona o Curso de Extensão em Língua Francesa (CELIF); trata-se de um curso particular que recebe, na maioria das vezes, estudantes de todas as áreas da UFV. É por esta razão que escolhemos os alunos do CELIF para colher dados para a pesquisa.

Como se trata de uma instituição reconhecida pelo seu caráter agrícola, o aumento do número de estudantes que desejam aprender francês na UFV mostra que a língua em questão é ainda atual e que, além disso, ela pode proporcionar aos estudantes inúmeros benefícios, não importa qual seja sua área de estudo.

O papel das línguas estrangeiras

Segundo Morin (2001), o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras ajuda a amadurecer o olhar em relação ao outro, faz com que cresça o respeito pela cultura alheia e reforça a dignidade da pessoa humana.

Infelizmente, no nosso país, quando se fala em língua estrangeira, entende-se Língua Inglesa. Apesar de os PCN's defenderem o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, o que se vê no território nacional é a hegemonia do Inglês. É impossível negar a importância do estudo desta língua, que nos tempos atuais é a língua das relações internacionais, e que, como qualquer outra língua estrangeira, é fonte de enriquecimento cultural. Porém, essa massificação, essa unificação, acarreta um inegável empobrecimento cultural.

Apesar de estarmos vivendo em tempos de globalização e inegável predomínio da Língua Inglesa em diversos campos (comercial, educacional, científico e tecnológico, entre outros), "o processo de mundialização não deve ser compreendido como uma uniformização empobrecedora, ao contrário, são as particularidades e as especificidades culturais que devem sustentar a globalização" (ROUQUIÉ, 2001, p.9).

A Língua Estrangeira não tem um fim simplesmente tecnicista, não habilita o indivíduo simplesmente para o manuseio de máquinas ou para a compreensão de textos, há ainda o enriquecimento cultural e pessoal, como já foi comentado acima, em conformidade com os PCN'S.

O domínio da Língua Inglesa no sistema educativo nacional é conhecido por todos. O que muitos ignoram é que já houve uma grande ênfase no ensino de línguas no nosso país. Em um primeiro momento, no ensino das línguas clássicas (grego e latim) e depois no ensino das línguas ditas modernas: francês, inglês, alemão e italiano (LEFFA, 2001). Apresentaremos, com base nos estudos de Leffa (2001) e Kundman (2001 e 2005), os períodos favoráveis às línguas e evidenciaremos também como estas perderam um lugar de grande destaque.

Antes do Império

Durante o período colonial, o grego e o latim eram as disciplinas dominantes. As línguas modernas foram introduzidas no ensino brasileiro em 1808. Com a chegada da família real, em 1808, e com a criação do colégio Pedro II em 1837, as línguas estrangeiras começam a se firmar no sistema de ensino brasileiro. Sua consolidação culmina com as medidas do ministro Couto Ferraz em 1855, que propõe uma reforma no ensino. É quando as línguas modernas - francês, inglês, alemão e italiano - começam a ser vistas com a mesma importância das línguas clássicas - latim e grego.

O ensino das línguas durante o Império sucumbia ao problema da falta de metodologia adequada. A metodologia utilizada para as línguas modernas (ou vivas) era a mesma utilizada para as línguas clássicas (ditas mortas): tradução de textos e análise gramatical.

Embora não se tenha dados precisos sobre o ensino de línguas nesse período, tal como a carga horária semanal de cada língua ensinada, aqueles que pudemos encontrar nos mostram uma queda na valorização das línguas estrangeiras na escola. Com base nos estudos de Leffa (2001), podemos constatar que, durante o Império, os alunos estudavam no mínimo quatro línguas no ensino secundário, muitas vezes cinco ou seis línguas, quando o italiano era oferecido facultativamente. Apesar de o quadro de línguas oferecidas não ter sofrido muitas mudanças no que diz respeito à quantidade, notamos que, no final do império, o número de horas estudadas foi reduzido, chegando a pouco mais da metade.

Sob a República

Em tempos de República, o ensino-aprendizagem de língua materna e estrangeira

tornou-se objeto de reflexão no que concerne à metodologia. Observando as reformas divulgadas por diferentes ministros, podemos notar que alguns defendiam a importância do estudo de textos literários e de elementos de civilização, enquanto outros procuravam mostrar a necessidade da prática na utilização da língua, ou seja, da oralidade e da escrita.

Nesse contexto, o desprestígio das línguas estrangeiras torna-se ainda mais acentuado, uma vez que há uma redução significativa no número de horas dedicadas ao seu ensino. Dessa forma, das (76) setenta e seis horas semanais em 1892, chega-se em 1925, a (29) vinte e nove horas, ou seja, menos da metade. Nesse período, o ensino do grego desaparece, o francês, quando não tem a mesma sorte, tem sua carga horária semanal reduzida e o italiano ou permanece de forma facultativa, ou não é oferecido. O inglês e o alemão são oferecidos ainda nas escolas, porém o aluno deve optar por uma língua ou outra.

A reforma de 1931

Já no século XX, a reforma de 1931 constitui a primeira tentativa realmente séria feita no Brasil visando uma maior orientação para o ensino/aprendizado de língua estrangeira (CHAGAS, 1957 apud KUNDMAN, 2005). Extinguiu-se a frequência livre e foi instituído o regime seriado obrigatório com o objetivo não só de preparar o aluno para ingressar no Ensino Superior, mas também de proporcionar-lhe uma formação integral. Introduziu-se oficialmente no Brasil o que tinha sido feito na França em 1901: o uso do método direto, que consistia no ensino da língua por meio da própria língua. Isso porque, até aquele momento, utilizava-se o método de tradução e gramática e eram raros os professores que trabalhavam a oralidade em sala de aula.

A Reforma Capanema

Em 1942 instaurou-se a nova Lei Orgânica do Ensino Secundário, de Gustavo Capanema. Esta lei introduz o espanhol no ensino secundário. Segundo Kundman (2005), o decreto atribui às línguas objetivos educativos: "contribuir na formação da mentalidade, desenvolvendo habilidades de observação e reflexão"; e também objetivos culturais como "o conhecimento da civilização estrangeira" e a "capacidade de compreender os ideais e as tradições de outros povos". (KUNDMAN, 2001 *apud* CHAGAS, 1957).

A lei que o ministro Capanema propõe em 1942 deve, segundo ele, formar nos adolescentes uma sólida cultura geral, marcada pelo cultivo tanto das humanidades antigas como das modernas, e ainda, acentuar e elevar sua "consciência patriótica" e sua "consciência humanística." (LEFFA, 2001 *apud* CHAGAS, 1957).

A Reforma Capanema, apesar das críticas que diversos educadores lhe atribuem por a verem como um documento fascista dada sua exaltação ao nacionalismo, foi a reforma que deu mais importância ao ensino das línguas estrangeiras. Estudava-se latim, francês, inglês e espanhol desde o ginásio até o científico ou "clássico". Terminava-se o ensino médio, muitas vezes, lendo-se os autores nos originais. Leffa (2001, p.9) argumenta que "de uma perspectiva histórica, as décadas de 40 e 50 foram os anos dourados das línguas estrangeiras no Brasil".

LDB de 1961

Em 1961 a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) não fez alusão ao ensino das línguas vivas, ainda que uma ou duas línguas estrangei-

ras pudessem ser indicadas entre as disciplinas complementares (facultativas). Com a entrada em vigor da referida lei, as decisões sobre e ensino de língua estrangeira ficaram sob a responsabilidade dos conselhos estaduais de educação. O latim foi retirado do currículo, o francês ou tinha o mesmo tratamento, ou via sua carga horária ser diminuída ainda mais e o inglês permaneceu sem grandes alterações. "Comparada à Reforma Capanema e à LDB que veio em seguida, a lei de 1961 é o começo do fim dos anos dourados das línguas estrangeiras." (LEFFA, 2001, p. 10).

LDB de 1971

Com a LDB de 1971, o ensino é reduzido de doze para onze anos. A diminuição de um ano de escolaridade e a ênfase na habilitação profissional provocam uma grande redução nas horas de ensino de língua estrangeira. Para agravar ainda mais a situação, um parecer do Conselho Federal declara que a língua estrangeira deveria ser dada "por acréscimo" dentro das condições de cada estabelecimento. As consequências são comentadas por Leffa,

Muitas escolas tiraram a língua estrangeira do primeiro grau e no segundo grau não ofereciam mais do que uma hora por semana, às vezes durante apenas um ano. Inúmeros alunos, principalmente do supletivo, passaram pelo primeiro e segundo graus sem nunca terem visto uma língua estrangeira. (LEFFA, 2001, p.10).

Apesar das diversas declarações favoráveis à presença e à diversificação das línguas estrangeiras nas escolas de primeiro e segundo graus (atualmente, ciclos fundamental e médio) assitiu-se, nesse período, a uma redução significativa do seu ensino.

LDB de 1996

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9394/96) recomenda na parte diversificada do programa do Ensino Fundamental, a partir da quinta série, o ensino obrigatório de uma língua estrangeira moderna. No Ensino Médio, uma língua estrangeira é também obrigatória, mas uma segunda língua pode ser incluída facultativamente.

Embora haja uma abertura dada pela lei à adoção de mais de uma língua estrangeira, o que acontece é, na grande maioria das vezes,

o ensino único e exclusivo da Língua Inglesa. Sobre essa questão comenta Kundman:

Essa orientação única, a não diversificação na escolha das línguas, nos parece bastante grave do ponto de vista cultural, econômico e político, em um momento em que a tendência atual é a do plurilingüismo. (KUNDMAN, 2001, p.5).

O quadro abaixo representa as línguas estrangeiras no sistema educativo brasileiro, do império aos dias atuais.

1855	grego, latim, francês, inglês, alemão, italiano
1892-1925	francês, italiano, inglês ou alemão
1942	latim, francês, inglês e espanhol
1961	francês e inglês
1996 (a partir de)	inglês

No quadro acima podemos notar como o número de línguas estrangeiras diminui ao longo dos anos. Podemos dizer que a situação na qual vivemos é, no mínimo curiosa, uma vez que já tivemos o oferecimento de seis línguas estrangeiras e no momento somente uma língua é oferecida e com uma carga horária muito menor comparado ao que tínhamos antes. Como já dissemos, nosso objetivo é apenas elucidar o que aconteceu com as línguas estrangeiras ao longo da história do sistema educativo brasileiro. A discussão dos fatores que levaram a essa situação não fará parte deste trabalho.

A Língua Francesa na Universidade Federal de Viçosa

Criada em 1922, a Universidade Federal de Viçosa é considerada uma das mais renomadas do Brasil. Ela é composta por 750 professores e aproximadamente 12000 estudantes dispostos nas áreas de Ciências Exatas, Humanas, Agrárias e Biológicas.

O Departamento de Letras e Artes foi criado em 1976. É um departamento que está em fase de expansão. Este possibilita aos estu-

dantes licenciarem-se em Português/Inglês, Português/Francês e Português/Literatura. O Departamento de Letras é responsável ainda pelo curso de Secretariado Executivo Trilingüe (português, inglês, francês).

O ensino de Língua Francesa é obrigatório durante três anos e meio (Língua Francesa I, II, III, IV, V, VI, VII e Francês Instrumental) para os estudantes de Secretariado Executivo Trilingüe. O curso tem por objetivo empregar os alunos em empresas francesas situadas no Brasil, além de capacitá-los a fazer traduções de textos e documentos em francês.

Os estudantes de Letras são obrigados a seguir os dois primeiros níveis de Língua Francesa (Língua Francesa I e II). Depois desse período eles escolhem a licenciatura a seguir. Normalmente, de 40 alunos aprovados por ano, em média, 40% optam pela licenciatura Português/Inglês, 15% por Português/Francês e 45% optam por Português/Literatura.

Os alunos que optam pela licenciatura Português/Francês estudam oito níveis de Língua Francesa, cinco níveis de Literatura Francesa, dois níveis de conversação e fazem um estágio obrigatório de quatro meses em uma escola da região. O curso é concluído em quatro anos.

O Curso de Extensão em Língua Francesa teve início no mês de março, no ano de 2005, com o objetivo de oferecer aos estudantes do Curso de Letras uma oportunidade de estágio. Vinculado ao Departamento de Letras e Artes, o curso atende basicamente aos graduandos da Universidade Federal de Viçosa, recebendo também mestrandos e doutorandos desta instituição e ainda pessoas da comunidade viçosense. Todos os estagiários do curso são estudantes da Universidade Federal de Viçosa, regularmente matriculados no Curso de Letras. O objetivo maior do Curso de Extensão, como já mencionado, é a formação de futuros professores, o que beneficia duplamente a instituição (UFV).

Os estudantes do Curso de Letras licenciados em francês, sem ter onde se preparar para ser um bom profissional (antigamente), encontraram no Curso de Extensão uma ótima oportunidade para começar a carreira docente. O Curso possibilita a esses estagiários, além da experiência como docente (ainda que seja como estagiário), uma ajuda financeira, visto que todos eles recebem uma bolsa cujo valor é definido pela instituição. O outro lado beneficiado são os graduandos que se matriculam no Curso, pois estes passaram a ter o oferecimento da Língua Francesa a um custo muito acessível e dentro do campus universitário.

Observando o número de estudantes que desejam aprender a Língua Francesa, surgiu o interesse, ao final do primeiro ano do curso, de conhecer a motivação destes alunos para estudarem a língua em questão. Desta forma, os dados que serão apresentados fazem parte de um trabalho de conclusão de curso (monografia) apresentado no mês de maio do ano de 2006. Para buscar conhecer a motivação dos alunos, aplicamos um questionário com 10 perguntas aos estudantes de quatro turmas de nível inicial e também àqueles que cursavam o segundo semestre do curso (uma turma). No momento em que foi realizada a pesquisa, havia 93 alunos matriculados no curso, dos quais entrevistamos 49.

A partir das respostas obtidas nos questionários, constatamos que o Centro de Ciências Humanas (CCH) compreende 52% do total dos alunos entrevistados. Em seguida apareceu o Centro de Ciências Exatas (CCE), 22,9%. O Centro de Ciências Biológicas (CCB) somou 12,5%, assim como os mestrandos e doutorandos (12,5%) o Centro de Ciências Agrárias compreendeu 0%, ou seja, não foi representado pelos alunos que participaram da entrevista.

Vamos nos restringir a três pontos na análise dos questionários, tendo em vista os alunos que responderam à nossa questão: "o que leva os alunos desta instituição a estudar a Língua Francesa?".

O primeiro ponto diz respeito à importância da língua estrangeira de um modo geral.

A grande maioria dos alunos atribuiu à importância do domínio de língua estrangeira três fatores: ao mundo cada vez mais globalizado e competitivo (figurando a língua estrangeira como um diferencial no currículo), à necessidade de leitura de textos no original e à possibilidade de enriquecimento cultural.

O segundo ponto questiona sobre a importância do ensino de Língua Francesa considerando o curso de graduação.

Os alunos do CCH revelaram que um dos fatores mais relevantes seria a leitura de textos no original (alunos dos cursos de Geografia, Direito, Ciências Econômicas, História e Comunicação Social). Para os estudantes do Curso de Direito, alguns citaram a importância do estudo daquela língua na área do Direito Comparado, outros citaram na área do Direito Internacional. Os estudantes de Geografia afirmaram que, por ser a "escola francesa" a "mãe" da Geografia Contemporânea, é indispensável seu estudo. Os estudantes do curso de História acrescentaram que muitos nomes de indiscutível importância para esse campo do conhecimento produziram suas obras em francês, e daí a necessidade de aprender essa língua, pois a tradução nem sempre é satisfatória.

Os alunos do CCE, ainda que com menor urgência, salientaram também a importância da leitura de textos em francês. Vários deles citaram o Convênio UFV - França, que para os estudantes de Engenharia é o melhor estágio que a instituição oferece.

Os alunos do mestrado e doutorado deram respostas mais voltadas para o enriquecimento cultural. Para aqueles que fazem ainda o mestrado é uma forma de se preparar também para a avaliação do doutorado.

O terceiro ponto diz respeito à representatividade da Língua Francesa para cada um. Foram colocadas quatro opções e, a grande maioria dos alunos relacionou todas.

Foram elas: oportunidades de estágio no exterior, enriquecimento cultural, qualificação para o mercado de trabalho e auxílio no desenvolvimento de pesquisas. Alguns alunos acrescentaram o prazer em aprender tal língua, uma vez que, na grande maioria das vezes estudavam uma língua estrangeira por obrigação.

Conclusão

Pela análise das respostas obtidas, constatamos que a Língua Francesa é de grande importância para os estudantes da instituição, seja para o conhecimento das obras produzidas em francês, pelas oportunidades de trabalho que aquele país oferece juntamente à UFV, ou para um maior conhecimento da cultura francesa como forma de enriquecimento pessoal.

Pudemos observar ainda, pela análise dos questionários, que não há nenhuma pretensão, por parte dos alunos que estudam a Língua Francesa, em restringir seu estudo somente a ela. Vários citaram a importância do domínio de várias línguas e do acesso a várias culturas, o que demonstra que a semente do plurilingüismo está plantada desde já na mente de cada um.

Para Barbosa (2005) a defesa do plurilingüismo (maior abertura para as línguas estrangeiras) juntamente com a defesa do ensino de Língua Francesa pode parecer paradoxal e contraditória. Entretanto, esta atitude demonstra um engajamento incondicional a favor da diversidade cultural, como meio de salvar os valores humanistas asfixiados pelos efeitos da globalização.

É importante salientar que no momento da realização desta pesquisa (maio/2006), como já havíamos mencionado, o número de estudantes matriculados no Curso de Extensão em Língua Francesa era de 93. Felizmente nós acompanhamos um crescimento da Língua

Francesa em nosso meio, visto que o número de estudantes inscritos no último semestre (2007/02) foi de 162. Esta realidade nos mostra que os estudantes desejam ter acesso à língua e à cultura estrangeira, no caso a francesa. Estes dados nos mostram também o amor e a admiração que estes nutrem pela Língua Francesa, uma vez que o número de desistências tem sido muito pequeno e o de inscrições cresce a cada semestre.

A pesquisadora iniciou sua trajetória como estagiária do curso desde sua criação, (embora não seja este o foco do trabalho) e percebeu que as contribuições para a prática pedagógica são inúmeras, pois iniciou as atividades como professor/estagiário no curso e hoje encontra-se como supervisora pedagógica no mesmo curso, sendo responsável pela formação dos novos estagiários.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Márcio Venício. *Présentation du XV^e Congrès Brésilien des Professeurs de Français*. Belo Horizonte: ABPF, 2005.

BRAUN, Alain. Une stratégie pour lutter contre l'uniformisation voire une nouvelle forme d'impérialisme: le français langue d'alliances. In: *Sedifrale XII - Mondialisation et humanisme (les actes) - Politiques linguistiques*. Rio de Janeiro: APERJ, 2001.

CONSEIL D'ÉTAT. *L'influence du Droit Français*. Paris: La documentation Française, 2001.

CUNHA, José Carlos. Mondialisation et enseignement des langues: Pour un plurilinguisme effectif dans le système éducatif brésilien. In: ROUMEGAS, J. P., PAGEL, Dario e BORG, Serge (Org) *Synergies Brésil - Numero spécial*. Rio de Janeiro: GERFLINT, 2001.

KUNDMAN, Maria Sabina. Enseignement-apprentissage des langues étrangères et leurs représentations auprès des pouvoirs publics. In: *Sedifrale XII - Mondialisation et humanisme (les actes) - Politiques linguistiques*. Rio de Janeiro: APERJ, 2001.

_____. *Politiques linguistiques et Enseignement des langues étrangères au Brésil*. Anais do XV^e Congrès Brésilien des Professeurs de Français. Belo Horizonte: ABPF, 2005.

MORIN, Edgar. Diversité culturelle et pluralité d'individus. In: ROUMEGAS, J. P., PAGEL, Dario e BORG, S. (Org) *Synergies Brésil - Numero special*. Rio de Janeiro: GERFLINT, 2001.

ROUQUIÉ, Alain. Le français, passeport pour la mondialisation. In: ROUMEGAS, J. P., PAGEL, D. e BORG, S. (Org) *Synergies Brésil - Numero special*. Rio de Janeiro: GERFLINT, 2001.

Texto recebido em 21 fev. 2007.

Texto aprovado em 12 mar. 2008.

ANEXO

Questionário aplicado aos estudantes do Curso de Extensão em Língua Francesa.

QUESTIONÁRIO

Curso de graduação: _____ Período: _____ Data: _____

- 1) O que você pensa sobre o aprendizado de uma língua estrangeira?

- 2) Em sua opinião, o ensino brasileiro valoriza o aprendizado de língua estrangeira?

- 3) Quantas línguas estrangeiras você domina? De onde surgiu seu interesse por aprendê-las? _____
- 4) Antes de ingressar no Curso de Extensão, o que você sabia sobre a língua/cultura francesa? _____
- 5) O que o levou a matricular-se no curso? _____
- 6) Para você, o conhecimento da Língua Francesa pode auxiliar na sua graduação?
() Muito () Pouco () Nem um pouco Por quê?

- 7) O aprendizado da Língua Francesa representa para você (pode-se marcar mais de uma opção):
() oportunidades de estágio no exterior.
() enriquecimento cultural.
() qualificação para o mercado de trabalho.
() auxílio no desenvolvimento de pesquisas.
() outros. _____
- 8) O curso de Extensão em Língua Francesa tem atendido às suas expectativas? Justifique.
() Sim. () Não. () Em partes.
- 9) Você acha que seria necessário o oferecimento do ensino do francês no seu curso de graduação? Por quê? _____
- 10) Como você vê a Língua Francesa daqui a alguns anos no contexto universitário?
